

A DIMENSÃO SUBJETIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL: UM ESTUDO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Ana Mercês Bahia Bock

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

anabock@terra.com.br

A Psicologia, com suas perspectivas naturalizantes, esteve de costas para a realidade social e por muitos anos produziu um saber e um fazer que desconsideraram questões importantes e aspectos fundamentais de nossa realidade latino-americana. É preciso injetar realidade social na Psicologia. A desigualdade é um destes aspectos que precisam estar presentes na Psicologia. A desigualdade social se apresenta como uma condição social onde as relações sociais estão caracterizadas pelo acesso diferenciado aos bens culturais produzidos pela coletividade; nas relações uns são possuidores e os outros carentes; uns são doadores e os outros receptores; uns valem mais que outros; uns são hierarquicamente superiores a outros na escala social. As estatísticas da desigualdade são assustadoras: segundo o Atlas da Exclusão Social no Brasil, organizado por Marcio Pochmann e Ricardo Amorim (2003), a renda dos 10% mais ricos corresponde a 45% do PIB nacional. A situação piora, segundo os autores, se incluirmos nesse cálculo dados sobre o patrimônio, quando o percentual chega a 75,4% da riqueza total brasileira na mão de 10% da população. Pode-se indicar pelo inverso: 24,6% da riqueza brasileira estão distribuídas entre 90% da população. Medeiros (2005) apresenta outro dado que traz a mesma dimensão:

(...) a renda é tão concentrada que o centésimo mais rico da população possui uma renda superior à soma de todos os rendimentos da metade mais pobre desta população e pelo menos um quarto de toda a desigualdade de renda é determinado por apenas três por cento da distribuição de renda (MEDEIROS, 2005, p. 249)

Os direitos não estão também adequadamente e nem igualmente distribuídos. Os espaços estão desigualmente divididos; o poder político está concentrado na mão de grupos dominantes da elite. Esta é a realidade social que dá base para a produção das subjetividades em nossa realidade brasileira e que, infelizmente, a Psicologia tem ignorado.

Não é possível se aceitar conceitos e teorias que igualem e universalizem experiências tão desiguais. Temos feito uma Psicologia branca de elite. Nossas teorias tomam as experiências de vida de elites brancas. A condição de pobreza de nossa sociedade não aparece como questão em nossas teorias de desenvolvimento, a não ser como ambiente pobre de estímulos. Mas não é disto que estamos falando. Estamos falando de uma realidade desigual onde uns têm acesso a todos os bens culturais que carregam o desenvolvimento e as possibilidades valorizadas pelas camadas dominantes e outros ficam sem acesso a estas riquezas culturais, produzindo suas formas de ser a partir de uma outra realidade, carregada de desvalor.

Um estudo, desenvolvido sob minha coordenação, contando com mais três pesquisadoras¹ e vários alunos em Iniciação Científica, na Faculdade de Psicologia da PUCSP, vem pesquisando a dimensão subjetiva da desigualdade social. O estudo

¹ Fazem parte da equipe da pesquisa as professoras doutoras Maria da Graça Gonçalves e Bronia Liebesny e a professora mestre Elisa Zaneratto Rosa

mostra diferenças importantes em sentimentos, percepções, idéias sobre si mesmo e explicações sobre o mundo. Os resultados (ainda parciais) deste estudo podem nos ajudar a perceber que a dimensão subjetiva da desigualdade social precisa ser tema da Psicologia brasileira.

Para o estudo e análise dialogamos com três autores: José Moura Gonçalves Filho (1998, 2003, 2004 e 2007) nos referenciou com o conceito de “humilhação social”; Bader Sawaia (2002) com reflexões sobre o “sofrimento ético-político” e Fernando González Rey (2003 e 2004) com a categoria de “sentido subjetivo”. Estes autores nos oferecem possibilidades de compreensão dos sentimentos e das significações que são construídas pelas pessoas na vivência da desigualdade social em São Paulo.

Nosso trabalho está marcado pela Psicologia Sócio-Histórica.

A Psicologia Sócio-Histórica tem como referencial o materialismo histórico e dialético, que tem como um dos elementos centrais de sua produção de conhecimento a historicidade. O modo como os homens produzem os meios de existência e como se organizam para tal passa a ser elemento importante na análise e explicação dos fenômenos. Considerar a história significa levar em conta o que os homens concretos produzem, de que forma o fazem e como se relacionam para transformar a natureza, a partir dos meios de existência já elaborados. Os homens criam objetos, os meios de produção desses objetos, e a partir dessa base material, idéias sobre sua realidade, suas atividades e relações. Pretende-se defender no debate que não devemos tomar a realidade social desigual apenas como pano de fundo de nossas pesquisas e teorizações. A desigualdade social é condição constitutiva das nossas subjetividades. Este debate toma a questão da naturalização do fenômeno psicológico como eixo da crítica. As teorias psicológicas têm, com seus conceitos naturalizantes, apresentado o mundo psíquico como algo natural e com isto a Psicologia tem ficado de costas para a relação do mundo psicológico com as condições reais de vida. O projeto do compromisso social da Psicologia exige que se superem as perspectivas naturalizantes e se construam teorizações que tenham em seus fundamentos epistemológicos a relação entre o ser humano e as condições de vida vivida.

O estudo que vem sendo realizado tem sua produção de dados realizada a partir de conversas em grupos (grupos de mulheres e grupos de homens) com sujeitos entre 25 e 55 anos, em bairros diferentes de São Paulo. O tema da conversa no grupo é a vida das pessoas na cidade de São Paulo e a vivência da desigualdade social que caracteriza São Paulo. Para decidir os bairros em que se faria o trabalho, tomamos a referência do Atlas da Exclusão Social no Brasil (2003), de autoria de Campos, Pochmann Amorim e Silva (orgs). Estes autores nos oferecem uma série de mapas da cidade de São Paulo onde estão marcados por cores os bairros com índices diferentes de desigualdade social, de exclusão social e outros índices. Tomamos os dois primeiros e sorteamos quatro bairros, um de cada faixa (são quatro faixas). Buscamos contatos em cada bairro e formamos grupos. As dificuldades nos levaram a modificar os resultados do sorteio, mas mantivemos a escolha de bairros em cada uma das faixas. São Miguel Paulista, Freguesia do Ó, Vila Sônia e Cerqueira César são os bairros da amostra.

Foram já realizados cinco grupos: mulheres e homens São Miguel Paulista; e mulheres e homens na Freguesia do Ó.

Foram formados grupos de discussão separando homens e mulheres. Esta decisão considerou as possibilidades diferentes de horários entre homens e mulheres e a diferença nas tarefas cotidianas assumidas por homens e por mulheres. A idade dos sujeitos foi estabelecida na faixa entre 25 e 50 anos.

Para formar os grupos fizemos contato com escolas e/ou lideranças dos bairros, no caso de São Miguel Paulista e Freguesia do Ó que convidou moradores da região. Todos foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e assinaram Termo de Consentimento.

Os grupos tiveram duração de duas horas e todas as falas foram registradas por uma taquígrafa que as transcreveu literalmente.

Com os discursos em mãos fizemos, inicialmente, leituras para nos familiarizarmos com conteúdo das falas. Posteriormente fomos destacando trechos das falas que indicavam conteúdos de referência. Um passo seguinte, organizou esses trechos em categorias.

As falas estão organizadas em 5 (cinco) categorias:

1. Experiências de desigualdade;
2. Elementos descritivos da desigualdade;
3. Explicações para a desigualdade;
4. Expressões de sentimentos e
5. Projetos de futuro.

Os grupos realizados no bairro mais pobre da cidade de São Paulo (São Miguel Paulista) permitem alguns elementos para a reflexão:

Na categoria *Experiências de desigualdade*, as mulheres trazem relatos de situações negativas: dificuldades, insucesso, humilhação, frustração e luta permanente. As dificuldades e lutas se referem à falta de acesso aos atendimentos em saúde e educação, à distância dos bens públicos e as situações de humilhação são, em geral, pelo fato de aparentarem gente pobre e serem tomados como ladrões ou bandidos. Os homens apresentam dramas relacionados ao trabalho e à dificuldade de produzir sobrevivência para a família. Além disso, questões sobre a escolarização dos filhos, que vêm como a única chance de tirar os filhos do destino que lhes cabe. Sofrem por não serem dignos de crédito, por não terem ajuda de qualquer espécie e pelos outros os olharem com desconfiança.

Na categoria dos *elementos descritivos da desigualdade*, as mulheres trazem relatos marcados pela diferença: diferença na possibilidade de obter as coisas, no atendimento pelos serviços públicos, no percurso dos filhos na escola, nas oportunidades, na hierarquia e no trato social e nas conquistas. Percebem muita diferença entre o que conseguem e o que as outras pessoas mais ricas conseguem, mas é interessante porque não relacionam somente a ter ou não dinheiro; descrevem estas situações a partir das relações com pessoas de poder que uns têm e outros não têm. Caracterizam da mesma forma os que podem comprar tudo e os que, no bairro, conhecem a diretora do posto de saúde. Os homens falam do descaso do poder público, do sofrimento e da falta de organização coletiva. Queixam-se do fato das pessoas serem guiadas pelos seus interesses pessoais e não pelos interesses da coletividade. Falam muito na periferia, relacionado o fato de morarem na periferia com o descaso com que são tratados. É como se a desigualdade começasse neste aspecto.

Quanto às *explicações para a desigualdade social* temos vários elementos explicativos: conhecer gente que dá acesso às coisas, ter dinheiro, ter estudo, lugar onde mora (não morar na periferia), raça, falta de oportunidades, sorte, falta de amor e fraternidade, aparência, emprego. Explicam a desigualdade pela própria desigualdade. Os homens acreditam que falta organização, falta acesso à riqueza, atribuem a questões sociais mais abrangentes, à elite e falta de cuidados do Estado. Falam ora de aspectos da realidade macro e ora de aspectos da vida de cada um no dia a dia, mas relacionam ao acesso à riqueza.

Quanto aos *sentimentos* para as mulheres aparecem sentimentos de humilhação: tratada como cachorro velho, como ladra, como escrava; como se não

fosse ninguém; umas dizem que acham errado isto; outras afirmam que já se acostumaram. Os homens falam de discriminação e de vergonha. São discriminados porque são da periferia. Tomam de novo a consequência como elemento central.

Quanto aos *projetos de futuro*, as mulheres têm seus projetos muito colados aos filhos, mas também apresentaram projetos individuais de estudo e de melhorar de vida. Querem um mundo mais fraterno, com respeito de uns pelos outros. Sem desigualdade. Os homens querem ascender socialmente, ter dinheiro e lutar com o coletivo. Querem que os filhos escapem do destino de serem iguais a eles.

Interessante notar que o modelo de comparação é sempre o mesmo. As pessoas não estão falando apenas de suas dificuldades, estão falando que não têm o que alguns têm. São eles os desiguais. Isto é importante, pois nos fala do lugar onde se colocam e onde pensam que estão. Na periferia. Na margem da cidade e da sociedade; na margem do conjunto das pessoas. São os que não têm. Precisam romper com o destino de estar neste lugar e sonham com o futuro dos filhos. Percebem-se fracos e querem juntar esforços no coletivo. A falta marca os sentidos construídos. Eles são os filhos da carência. Precisam de tudo e acham que não conseguem porque não têm estudo, porque são da periferia e porque não conhecem ninguém importante. Denunciam assim a sociedade desigual que utiliza a escola como forma de manter de manter e justificar a desigualdade; escola que já é desigual desde o princípio. Denunciam a marginalização nas periferias, longe do acesso, longe do Estado. Denunciam os jogos de poder de nossa sociedade desigual.

Percebem estes aspectos sem que eles estejam claros e visíveis; sem que eles formem uma compreensão mais exata do que se passa na sociedade. Mas sabem que são eles os desiguais. É assim que a sociedade os trata e é assim que se constituem como sujeitos. São humilhados, são confundidos com o que não são; são tratados como menores, como menos, como inferiores. São desiguais.

Tudo se passa como se precisasse ser de uma determinada maneira, mas não conseguem. Lutam todos os dias para isto, mas continuam desiguais.

Os grupos do bairro da Freguesia do Ó trazem também aspectos importantes:

Na categoria *relato de experiência da desigualdade* as mulheres se referem a questões dos filhos que sofrem pela diferença; relação de cumplicidade com vizinhos e a luta contra a precariedade do bairro. O bairro aparece, nos relatos, como local de dificuldades, mas falam também da luta para melhorá-lo. Demonstram orgulho por isto. Quando falam mais amplamente da cidade ressaltam as relações marcadas pelo preconceito contra os pobres. Pode-se afirmar que os relatos de experiências são, na maior parte das vezes, relatos de resistência.

Na categoria *relato de experiência de desigualdade*, os homens privilegiam os relatos sobre trabalho, onde aparece a relação patrão/empregado e o fato de trabalharem muito e não melhorarem de vida. Falam do esforço do trabalho cotidiano e da experiência do fracasso pelos sonhos não realizados. Relatam também experiências envolvendo preconceito por serem pobres.

Já na categoria *descrição da desigualdade*, as mulheres apresentam significados distintos, pois falam de diferença racial, econômica, regional (de origem), de instrução, de classe social. Em geral podemos dizer que marcam a desigualdade pela característica da pobreza, mas a apresentam de forma naturalizada e estática. As pessoas SÃO pobres e isto as faz desigual. A pobreza aparece como sinônimo de não TER. Marcam posição insistente de que as pessoas devem ser iguais. Almejam a igualdade e se colocam no lugar dos desiguais.

Na *descrição da desigualdade*, o bairro é para os homens o local de relações de amizade e convivência familiar. Eles marcam o discurso da desigualdade pela diferença de riqueza e pobreza, de hierarquia social e relações de poder. Notam as diferenças de linguagem e ocupação dos espaços e de possibilidade de acesso que

distinguem as pessoas. Não acreditam que o esforço pessoal possa ser suficiente para superar essa condição, mas a idéia do esforço existe entre eles. Dessa forma uma contradição no discurso dos homens se evidencia: acreditam que o esforço pessoal não os tira da precariedade, mas estão guiados pelo esforço diário de manter-se no trabalho, na luta cotidiana e os que “fracassam” são vistos como pessoas “que não se esforçaram”. Mesmo reconhecendo o esforço que fazem se responsabilizam/se culpam quando “não conseguem”.

Quanto à categoria *explicação da desigualdade* as mulheres explicam a desigualdade pela pobreza e falta das coisas. Falam do preconceito em relação aos que “não têm”, o que afasta as pessoas. Nesta caracterização se identificam com o lugar social do “desigual”. Propõem como saída a luta para ter as coisas, o que lhes permitiria passar para o lado dos “iguais”. Exploram pouco os determinantes da desigualdade, mantendo-se no campo da naturalização do fenômeno.

Quanto à categoria *explicação da desigualdade*, os homens falam de um conjunto de fatores produtores da desigualdade: desde o esforço pessoal, os conflitos entre classes marcados pela inveja e egoísmo; a falta de escolarização, a herança social adquirida, o sistema social que produz essa situação de desigualdade e a ausência de oportunidades. Pode-se dizer que elaboram mais suas explicações ampliando os determinantes da situação de desigualdade.

No que diz respeito à categoria *sentimento com relação à desigualdade*, dois sentimentos marcam os relatos das mulheres: orgulho pelas histórias e pela luta que travaram no bairro e para criar os filhos; e humilhação pelo trato preconceituoso. Esses sentimentos permitem que se perceba dificuldades e sofrimento, mas aliados à coragem para o enfrentamento das dificuldades.

Na categoria *sentimentos com relação à desigualdade*, os homens apresentam sentimentos de humilhação e constrangimento que geram sofrimento, tanto nas situações cotidianas como na percepção de que os direitos são desrespeitados. Aproximam-se das mulheres quanto às experiências cotidianas, mas elaboram seus discursos e vão adiante quando colocam aspectos do trabalho e dos direitos como cidadão.

Finalmente quando é lançada a questão sobre *projetos de futuro*, as mulheres acreditam no estudo e têm projeto de melhorias no bairro como forma de apagar as marcas da pobreza. Querem aproximação dos “iguais”. Na categoria *projetos de futuro*, os homens falam tanto do esforço pessoal para construção dos projetos quanto de participações coletivas que questionam a estrutura social de classes. Esforço pessoal e luta coletiva se mesclam como possibilidades de mudança da situação em que se encontram. Mulheres discutem mais as relações familiares e junto à comunidade; apresentam relatos de resistência e dificuldade na instalação no bairro e na criação dos filhos; mesmo diante de tantos problemas mostram-se orgulhosas por terem conseguido criar seus filhos diante da difícil condição de vida e conseguido estudá-los; muitas também alcançaram o ensino superior; por fim possuem uma concepção moral e contraditória de desigualdade, crêem por um lado que todos são iguais e por outro sentem-se inferiorizadas ao se colocarem do lado dos “desiguais”, dos que não têm.

Em síntese, as mulheres expressam afeto em seus relatos: se elogiam, agradecem à outra pela ajuda, se confraternizam, lembram de dificuldades que passaram e, algumas vezes, fazem disto motivo de riso por algo que já passou. Elas mostram muito orgulho pelas vitórias conquistadas e muitas demonstram satisfação diante da atual condição de vida. Os homens parecem manter mais presente o sofrimento que tem origem no trabalho que se mantém ainda penoso e com pouco retorno para a melhoria da qualidade de vida. Sentem-se dedicados e esforçados,

mas sem ver melhoria na vida. Essa situação é explicada de forma contraditória, ora por falta do esforço, ora por uma estrutura social injusta.

As mulheres apresentam uma leitura mais simplificada e moral da realidade, pois acreditam na igualdade como condição natural e vêm a desigualdade como um desvio do que é certo. Buscam merecer a igualdade e para isso o esforço cotidiano lhes aparece como dedicação necessária. Os homens já sofisticam mais suas análises atribuindo à desigualdade a um sistema injusto. Dentre os fatores que apontam aparece, no entanto, o esforço pessoal. Buscam na luta coletiva a mudança de vida, mas vivem muitas frustrações nesta busca. Mesmo quando apresentam a questão do esforço pessoal trazem isto como frustração permanente. À frustração somam-se a humilhação e um sentimento de impotência e incompetência.

Serão os sentidos construídos por estes sujeitos semelhantes entre si e semelhantes aos construídos pelas elites? Pode a Psicologia considerar essas pessoas da mesma forma? Ouvir seus discursos e utilizar os mesmos conceitos? Ao impormos formas universais e ahistóricas de olhar os humanos, não estaremos anulando as diferenças produzidas pela experiência da desigualdade?

Estamos defendendo aqui que o mundo psicológico em uma sociedade desigual não é o mesmo; não é universal. Os sentimentos, as idéias, os registros de memória são distintos; os valores e formas morais de se por frente ao mundo são diferentes.

Os sujeitos de nossa pesquisa vão evidenciando em suas falas sentidos subjetivos que refletem e denunciam a situação precária e desigual de vida que têm; são sentidos que no decorrer do debate do grupo vão se evidenciando e se transformando, dando visibilidade à desigualdade social. Como afirma González Rey: “(...) O sentido não representa uma omissão do objetivo e sim uma forma de representar o processo através do qual o objetivo se converte em psicológico.” (GONZÁLEZ REY, 2004, p.52)

É preciso compreender a diversidade humana que a desigualdade produz para que possamos ter uma Psicologia capaz de se por frente a todas estas experiências, abandonando sua perspectiva exclusivamente branca e de elite. É preciso tornar visível a condição de subalternidade, de invisibilidade pública e o sentimento de humilhação que compõem a condição de vida e as subjetividades de nossa gente.

(...) Invisibilidade pública é expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres. (...) A humilhação social é sofrimento ancestral e repetido. (GONÇALVES FILHO, 2004, P.21)

A humilhação social marca as falas de nossos sujeitos, pois estes falam de si sempre utilizando como referência o outro (rico); falam como se estivessem errados; como se desigualdade fosse sinônimo de estar errado, fora do padrão.

Estes aspectos que compõem uma dimensão importante do fenômeno da desigualdade devem ser considerados e devem possibilitar a construção de “(...) categorias desestabilizadoras na análise das questões sociais, capazes de criar novas constelações analíticas que conciliam idéias e paixões de sentidos inesgotáveis.” (SAWAIA, 2002, P.97)

Somente quando a Psicologia tomar este lugar, ela poderá, efetivamente, contribuir para a produção de condições dignas de vida.

Apesar de nosso estudo ainda não ter se concluído, terminamos afirmando que acreditamos estar contribuindo para a construção de uma Psicologia que estuda o sujeito concreto, inserido em sua realidade cotidiana e em seu tempo histórico; um sujeito que se constitui nas relações e nas atividades sociais, portanto um sujeito que

carrega em sua subjetividade elementos que podem nos ajudar a compreender a objetividade da sociedade desigual.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, A; POCHMANN, M; AMORIM, R; e SILVA, R. (orgs). *Atlas da Exclusão Social no Brasil*. São Paulo, Cortez Ed. Volume 2, 2003.

GONÇALVES FILHO, J. M. *Humilhação social: um problema político em psicologia*. In: *Psicologia USP*, São Paulo, Instituto de Psicologia, USP, v.9, n.2, 1998.

_____ *Problemas de método em psicologia social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante*. In Bock, A.M.B. (org) *Psicologia e o Compromisso Social*. São Paulo, Cortez, Ed. 2003, PP.193-239

_____ *A Invisibilidade pública*. In Costa, F.B. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. Prefácio. São Paulo, Ed.Globo, 2004

_____ *Humilhação Social: humilhação política* In Souza, B.P. *Orientação à Queixa escolar*. São Paulo, Ed.Casa do Psicólogo, 2007

GONZÁLEZ REY, F. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____ *O Social na Psicologia e a Psicologia Social*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2004

MEDEIROS, M. *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira*. São Paulo. Hucitec, 2005.

POCHMANN, M. e AMORIM, R. (orgs) . *Atlas da Exclusão Social no Brasil*. São Paulo, Cortez, Ed. 2ª. Edição 2003

SAWAIA, B. B. *O Sofrimento Ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*. In Sawaia, B.B. (org) *As artimanhas da Exclusão*. Petrópolis, Ed. Vozes, 4ª. Edição, 2002.